

Gisèle Pelicot, uma francesa de 72 anos, foi sedada e violada pelo marido e por homens que o mesmo aliciava na internet, durante nove anos. O caso chegou a tribunal. O marido, Dominique Pelicot, confessou a culpa, o que não aconteceu com os restantes violadores, com idades compreendidas entre os 46 e os 74 anos. Defendem-se, alegando que pensavam que a senhora estivesse a dormir ou que disfarçasse dormir. Se o marido consentia, estava consentido. Eu tento perceber como é que uma mulher sedada, inanimada, sem qualquer movimento muscular, poderia dar a impressão de que estaria a fingir dormir. Estes sujeitos, cuja saúde mental se escangalhou algures, acreditam que uma mulher é capaz de vivenciar um ato sexual adormecida, mantendo a cabeça, os braços, as pernas caídas, moles. Sem acordar, apesar do impacto de um corpo masculino. Pensam que o corpo de uma mulher é igual ao de uma boneca sexual mais realista, de carne, corruptível. E como consenso, basta o do marido. Se o marido os convida para o repasto, o que interessa que a mulher esteja a dormir? Não lhe ouviram a voz, mas o marido é que sabe. Violá-la a pedido do marido e à sua frente foi um gosto para todos. A mulher não existe. Ela é uma coisa.

Seria incorreto da minha parte fazer generalizações sobre este tema. Apesar de tudo, advogo a minha liberdade de pensamento, procedente da forma como observo comportamentos, para afirmar que a maior parte das mulheres são materiais de uso quotidiano. São coisas que servem para, que têm uma utilidade qualquer. Sexo, acima de tudo, depois limpeza generalizada, refeições, compras, cuidado dos filhos e gestão do lar. Esta ideologia é transversal a todas as classes sociais, idades e formações académicas.

Vou beliscar agora uma quantidade significativa de unidades familiares. Quando a vida profissional corre bem, é normal certos homens dizerem às esposas que seria melhor largarem o emprego e voltarem para casa, onde fazem falta. Duvido que uma mulher com sucesso profissional diga ao marido, “Podes deixar o emprego e ficar com as crianças. Não tens necessidade de andar na confusão do trânsito para ir trabalhar. O que eu ganho, chega.” O trabalho, para o marido, é central para o seu bem-estar e exercício da especialidade. Para a mulher ainda é um entretenimento enquanto não tem filhos.

Qual foi o primeiro erro do casamento de Gisèle? Aceitar o apelido do marido. Passou a ser uma Pelicot. No auge do enamoramento e do desejo, não lhe terá passado pela cabeça que este pernicioso costume continua a simbolizar, como no passado, uma passagem de poder do pai da noiva para o marido? Os símbolos habitam o inconsciente coletivo e sobrevivem eternamente, se não houver uma massa significativa a abandoná-los. Ao casar, tornou-se a dona Pelicot, pertença do senhor Pelicot. Gisèle parece uma mulher decidida, mas terá vivido o casamento com romantismo e ingenuidade. Não acredito que não tenha reparado na excêntrica sexualidade do marido. Deve ter percebido o que agradava ao homem. Na intimidade, é difícil esconder.

Gisèle foi violada de forma *kinky*, ou, usando palavras que não exijam dicionário, de forma excepcionalmente perversa, mas penso não errar se disser que quase todas as mulheres com mais de 50 anos foram violadas alguma vez na vida. Por um amigo da família ou um parente, que usou a sua inocência até onde não era admissível. Algumas aceitaram ter relações sexuais pressionadas pelos namorados, numa idade precoce, o que constituiu um abuso. Fizeram sexo não consensual para não agravar uma discussão. Para ficar tudo bem de novo. Ou para serem deixadas em paz. Eu também tenho o meu historial.

Gosto de ser mulher, mas estou cansada do que tenho vivido por ser mulher. Já não é aceitável ter medo de ser violada ou abusada. Continuo a ser olhada como um óvni devido à minha existência sem marido, sem filhos nem irmãos. Quem serão os meus herdeiros?

A aldeia, o interior, é um outro Portugal parado no tempo. Como ousar passear sozinha pelo montado, com um vestido vermelho, um “vestido stop”? Como é possível não ter vergonha de ser vista a falar descontraidamente com homens, como se fôssemos iguais? Para a minha aldeia, sou estranha e sou um perigo. Julgo que já estou integrada, mas algo me vem sempre bater à porta.

Uma senhora que faz limpeza em casas foi dissuadida pelo marido de vir trabalhar para mim. Disse-mo de outra forma, mas percebi. Foi uma bofetada. Senti-me vexada. Sei que sou livre e dona do meu pensamento e ações, mas o mundo continuará a lembrar-me de que há uma fronteira que não cumpro.

Há quem pense que no século XXI as liberdades e direitos das mulheres foram cabalmente alcançadas. Gisèle afirma que o julgamento dos homens que a violaram vai mudar o mundo. É com muita tristeza que discordo: não foram e não vai.

Isabela Figueiredo, “Quer violar a minha mulher”, *Expresso*, 24 de outubro de 2024:
<https://expresso.pt/opiniao/2024-10-24-quer-violar-a-minha-mulher--ad50913b>

Maria Isabel Barreno
Maria Teresa Horta
Maria Velho da Costa

NOVAS CARTAS PORTUGUESAS
Edição anotada

Organização
Ana Luísa Amaral

Equipa de Investigação
Ana Cristina Assis
Cacilda Lopes
Luís Filipe Costa
Lurdes Gonçalves
Maria de Lurdes Sampaio
Marinela Freitas
Marta Pessanha Mascarenhas



Terceira Carta I

Considerai, irmãs minhas, cá hoje e ensoalhada a febra por este brando sol se repartindo e bem rendido, turista o dar e o brotar para esta novidade literária que há-de vender-se, eu vos asseguro, ó seis patinhas sansas de nós três caminheiras, considerai cá hoje e abri-vos – nós para nós e eles. Considerai a cláusula proposta, a desclausura, a exposição de meninas na roda, paridas a esconsas da matriz de três. Moças só meio meninas bem largadas da casa de seus pais e arrematados já seus dotes em leilão de país. Nem vai ser isto, pois não é? Que vai ser de nós e Mariana depois desta partida, choro de ausência, de alguma falta, falha de Mariana ou quem – ou dela querer sabê-la?

Só que Beja ou Lisboa, de cal ou de calçada – há sempre uma clausura pronta a quem levanta a grimpa contra os usos:

freira não copula

mulher parida e laureada

escreve mas não pula

(e muito menos se o fizer a três)

com a Literatura,

LITERATURA, não se faz

rodinhas

– porém, leitores, haveis comprado

Mariana e nós, tendo ela

montado o cavaleiro e bem

no usado para desmontar

suas / doutras razões de conventuar.

E nós, e nós, de quem, a quem o rumo, os dizeres que nem assinados vão, o trio de mãos que mais de três não seja e anónimo o coro? Oh quanta problemática prevejo, manas, existiremos três numa só causa e nem bem lhe sabemos disto a causa de nada e por isso as mãos nos damos e lhes damos, nos damos o redondo da mão o som agudo – a escrita, roda de saias-folhas, viração de quê? Garantia porém a quem folheia – o tema é de passagem, de passionar, passar paixão e o tom é compaixão, é compartilhado com paixão.

3/3/71

Primeira Carta II

«Venceste» –, digo. Logo sou eu que te venço e tu perdes, pois confiado na vitória esqueces a vigilância sobre mim, que te examino. Friamente?

Que outra maneira tenho de examinar as coisas, os outros: com toda a minha paixão? Aquela alimentada pelo simples prazer ou dor que me dá senti-la. – Assim te procuro, te uso, te escrevo; porém as palavras não são elos, nem pontes, nem laços a desatar na solidão das salas.

Em salas nos queriam às três, atentas, a bordarmos os dias com muitos silêncios de hábito, muito meigas falas e atitudes. Mas tanto faz aqui ou em Beja a clausura, que a ela nos negamos, nos vamos de manso ou de arremesso súbito rasgando as vestes e montando a vida como se machos fôramos – dizem.

De imediato então nos querem tomar pela cintura, em alvos lençóis de cama se necessário, e filhos. Que mãos nos galgam as carnes a fim de retomarem a posse, impondo-nos matriz de dono, porque dano causamos na recusa e mensturo será o estigma que eles tomam por feminina causa de nos exigirem a vontade e silenciarem o gesto com que nos despimos ou negamos para nosso próprio proveito e palavra dada a nós mesmas.

Direito conquistámos, também, de escolher vingança, já que vingança se exerce no amor e amor nos é dado de uso: usar o amor com as ancas, as pernas longas que sabem, cumprem bem o exercício que se espera delas.

E eis novamente em tema o exercício, como se de paixão se tratasse e vingança fosse de amor uma das justiças. Para que o exercício da justiça nos coubesse às três, dado de amor, somente, talvez por defesa ou atenção a tudo.

Como Maina sagraremos «dessa crua distância, o direito ao absurdo dos demais e seu».

Saciadas estaremos algum dia. – Pergunto: daquela voraz saciedade em que nos pomos? – Desembuçadas iremos, embora saibamos que isso nos arrasta às ameaças, ao simples maldizer aceso com a madeira dos usos e da raiva.

O que nos restará então de nós depois desta aventura?

A freio nos quererão domar e a rédea curta. Mas de onde nossa mãe dormia não nos vem sequer a fimbria desse susto; outras roupas costuramos para nossa alegria e abandono. Que o abandono é outro pressuposto, costume ou uso em roca onde se fia o gosto.

Deste modo vamos construindo um azulejo: painel. Carta por carta ou palavra escrita, volátil, entregue. A nós principalmente, depois a eles; a quem nos quiser ler mesmo com raiva. E nunca o amor foi tão inventado, logo verdadeiro:

«este prazer que abraço se te abraço e os teus dedos, devagar, me vão correr nos braços, nas coxas, pelos seios. – A que tontura me entrego e me demoro. Em que grito rasgado me debato e cresço, me acrescento e cresço, me enlouqueço e basto; ou não me basto e por isso te invento, reinvento, te faço, te desfaço em meu sustento.

Atenta, pois, nisto: o perigo de nos querermos ou nos negarmos. Tu homem dono que me cavalga ou o pretende e eu que te pareço seguir nesse jogo, consentir nele, porém, na realidade recusando-o, caminhando já em labirintos, outros, em verões tórridos, por certo, mas meus trajectos.

Porque só de minha posse na verdade te importas: eu tua terra, colônia, tua árvore-sombra-programada para acalmar sentidos. Também em ti me queres de clausura, tu próprio meu convento, minha única ambição, afinal meu único deserto».

«Venceste» –, digo, e tu pensas: venci, mas estás vencido. – Minha lenta viração de nada, te acrescento carta a carta. Tentando perceber de nós três todo e qualquer sequestro, da sua motivação como projecto de paixão ou já paixão em si mesma. Assim, penso, estamos nós três neste dar de mãos, nesta entrega, nesta independência nossa.

Nos procuramos, vos procuramos entender porquê. Quem sabe que desmesurado anseio este, se temos não mais que um luxo, um acinte, uma avidez:

«pelo corpo deixo que a paixão me tome: o corpo ele próprio já essa paixão ou objecto dela, sua raiz, sua motivação, seu ócio. – Como não recordar tuas ancas estreitas e jamais te dizer paixão por elas? Assim, amo partes de ti, a ti por essa causa e de mim no contentamento de as ter, me comprazer com elas».

E como Soror Mariana, talvez até digamos: «que seria de mim sem tanto ódio e tanto amor (...)». Porém, nunca de pena mas prazer nos ficamos, irmãs, sem ser por nostalgia, ou crença. Pois clausura rompemos, já rompemos.

Que seria de nós sem tanto amor, – pelo puro desprazer que isso nos daria.

14/3/71

Segunda Carta II

Conto-vos, entretanto, a história da Mãe dos Animais, mito de uma tribo de índios da América do Norte – e que paixões nostálgicas e sem remédio terão inventado os índios nas suas reservas, morrendo aos poucos, e os seus poços de petróleo, às vezes, e seus fatos usados pelos hippies, e sua paixão agressiva, agora, na prisão de Alcatraz. – Mãe dos Animais foi a mulher abandonada pela sua tribo, que se dispunha a fazer uma migração difícil, na altura em que ela paria; a mulher ficou para sempre errando nos bosques, ensanguentada e medonha, Mãe dos Animais, protegendo-os dos caçadores; e o caçador que a veja, com o susto, tem uma erecção, e a Mãe dos Animais viola então o caçador, concedendo-lhe a seguir um sucesso infalível na caça.

E lembro-me ainda, bastante mal, da história do homem que encontrou uma semente debaixo da presa dum javali, e plantando a semente dela nasceu um coqueiro; e tendo o homem ferido a sua mão, o seu sangue caiu sobre a flor, e da flor ensanguentada nasceu uma rapariga, que foi dançar à praça pública, onde os homens da aldeia a mataram, tendo-a enterrado no sítio onde dançava; a deusa que protegia aquela gente retirou-se então para trás das estrelas, e passou a recusar o seu auxílio. Lembro-me apenas destas coisas, sem nomes nem detalhes, mas lembro aquilo que me interessa, sem dúvida, e pergunto-me se a Mãe dos Animais se vingou protegendo os animais, violando os caçadores ou dando a estes sucesso infalível na

Eis-nos

Eis-nos de luta
expostas
sem vencer os dias

as verilhas
certas
no passo retomado

o rever das casas e das causas
o revolver das coisas
que dormiam

Diária é a escolha
o movimento insano
o sossego manso e mais pesado
daquilo que desperta e não quebramos

daquilo que rasgamos
e dobramos
carta por carta em seu perfil exacto

Fêmeas somos
fiéis à nossa imagem

oposição sedenta que vestimos
mulheres pois sem procurar vantagem
mas certas bem dos homens que cobrimos

E jamais caça
seremos

ou objecto
dado

nem voluntário odor
de bosque seco

vidro dizemos
pedra
caminhada

em se chegar a nós
de barca
ou vento

Remota viração que se reparte
esta que usamos em cumprir
sustento

de pressuposta amarra
em que ficamos

apartadas dos outros
e tão perto

Compraz-se Mariana com seu corpo.

O hábito despido, na cadeira, resvala para o chão onde as meias à pressa tiradas, parecem mais grossas e mais brancas.

As pernas, brandas e macias, de início estiradas sobre a cama, soerguem-se levemente, entreabertas, hesitantes; mas já os joelhos se levantam e os calcanhares se vincam nos lençóis; já os rins se arqueiam no gemido que aos poucos se tornará contínuo, entrecortado, retomado logo pelo silêncio da cela, bebido pela boca que o espera.

Que interessa então a Mariana as mãos que o encaminham? Se as suas que lhe descem lentas pelas ancas, se as dele que a largaram de improviso...

Quebra-se, pois, a clausura: pelos seios ele a tem segura a rasgar-lhe os mamilos com os dentes.

Quebra-se pois a clausura?

Recurva, tenso, o ventre: a língua entumescida. Dele a língua quente, áspera de saliva e o demorado sugar, rente, ritmado a esva-ziá-la devagar da vida.

Compraz-se Mariana com seu corpo, ensinada de si, esquecida dos motivos e lamentos que a levam às cartas e a inventam. – «Descobri que lhe queria menos do que à minha paixão (...):» – ei-la que se afunda em seu exercício. Exercício do corpo-paixão, exercício da paixão na sua causa.

Os olhos tem fixos, escancarados, no rosto dele presos, a inventá-lo em seus traços que de memória retém ou não sabe se os inventa, enquanto sobre o peito lhe descai, no movimento ritmado das coxas, a possui-lo como macho – sente – e lhe vê os lábios crispados, se enterra mais nele, se empala num enorme prazer, no uivo de quem foge ou se dá. Dádiva em toda aquela obcecante conquista da dureza violenta do pénis: os dedos bem fundo perdidos na humidade viscosa da vagina, os ombros erguidos, a cabeça apoiada no travesseiro, os braços tensos como que para lhe reter os quadris estreitos que se movem na consentida busca da voragem do útero.

Sei como és daninha, mulher retomada do rio que esforças por calar nas veias, maligna. Na seda das nádegas, no odor abrasado das axilas. Terra que a haustos respiro e formo com teu esperma meu sémen; tua amante-esposa não deixaste perdida nem lograda; eis como me entrego e me ofereço, me conduzo e te ensino até o jeito mais breve ou demorado para melhor gozo. De pé agora te retomo, te cruzo, te possuo; minhas secreções já espessas, à mistura com as tuas, inundam-me as entranhas tão estéreis, herméticas, adormecidas.

Mariana deixa que os dedos retornem da vagina e procurem mais alto o fim do espasmo que lhe trepa de manso pelo corpo. A boca que a suga, a galga, é como um poço no qual se afoga consentida, ela mesmo a empurrar-se, enlouquecida, veloz.

Devagar meu amor, devagar o nosso orgasmo que contornas ou eu contorno com a língua. Devagar te perco de súbito, te esqueço, não sendo tudo mais que uma enorme vaga de vertigem.

E a noite devora, vigilante, o quarto onde Mariana está estendida. O suor acamado, colado à pele lisa, os dedos esquecidos no clitóris, entorpecido, dormente.

A paz voltou-lhe ao corpo distendido, todavia, como sempre, pronto a reacender-se, caso queira, com o corpo, Mariana se comprazer ainda.

Que pavor, Dona Brites, que secura. Que cegueira enlaçada onde nos pomos. Cedem as pernas à fadiga logo gosto, e todo o meu ventre se abre à vossa boca. Que loucura tomada a contragosto; que ternura súbita subida até ao peito.

Com que rigor me perco. Com que rigor afinal me tenho.

3/4/71

Primeira Carta V

«Mais dura, mais cruel, mais rigorosa
Sois, Lisi, que o cometa, rocha ou muro
Mais rigoroso, mais cruel, mais duro,
Que o céu vê, cerca o mar, a terra goza»¹

Porque hoje quero dizer da crueldade.
(Só da minha?)

Irmãos, vos quero dizer da crueldade; daquela que utilizo, dia seguido de outro dia, mesmo comigo, mesmo de castigo, de agasalho. Crueldade serena, quotidiana, em que me dispo: com que me dispo; me visto, prossigo de indiferença, rigor.

Que todo o rigor perante o homem será pouco e necessário é dizer-lhe isso.

Não nos tomarão mais como guerreiros tomavam castelos em vitória, a fim de os habitar não só com leis, espada, mas também com vinho: vigor deles, abastança.

Mulher: abastança de homem, sua semelhança, sua terra, seu latifúndio herdado.

De secretas coisas acusarão o trio; nós os assustaremos na recusa de lhes sermos presa. Falcões que se pousarão, todavia, acorrentados em nossas luvas, em nossas mãos cobertas, defendidas:

¹ Jerónimo Baía.

Nas tuas, tu que recusas a diferença, nossa casta, a dureza, mas a assumas, a diriges em gume acerado, em sorriso ameno se preciso para ferida, e com palavras meigas e sinais, lhes cortas os testículos.

Nas minhas, eu que vos oiço, me distancio, me crispo, me entristeço e calo de súbito, me recolho de hábito, eu que sou de todas a mais afastada de macho por repeli-lo com violência, aspereza (e susto?), depois de o haver tido (amado?), dele me ter alimentado (amado?), o ter utilizado a frio comigo (amado?)

(de crueldade hoje não vos falo?)

Comigo vive homem que me dá luta e eu respiro, desejo até à dor do vício (amo) nunca permitindo apesar disso que me conduza, me distraia, me destrua.

Nas tuas, tu outra, jamais dissimulada, em guerra clara, posição firme. Contra a astúcia te declaras, como sendo única maneira de conquistarmos mundo. Tanto és mosto como mastro.

Como mães?

As três: mães de homens e não de rio, nem de pedra, nem de mulheres. Responsabilidades temos e o sabemos, de não criar marialvas ou marinheiros por conta, neste país historiado e posto: país de marinheiros, navegadores por dono.

Como dizer ainda agora a uma mulher: faz uma ponte, tal como dantes se lhe dizia: dá-me um filho?

Lhes daremos filhos, sim, mas em gosto gerados e paridos nossos; porém jamais nossas afirmações ou obras: pontes recusamos que o sejam de nossas vontades ou distúrbios.

Me afasto – repito – de tudo o que me exige, me prende, ou simplesmente mesmo me pretende a atenção, o riso, a disponibilidade. Como disponível de mim ou de mim livre?

(porque surges meu amor sempre que me afasto? Porquê este perigo, este risco, este fio que sigo e te encontro em luta e desejo do outro lado?)

Que negamos?

Que rimos ou rimamos nós de Mariana? Que negamos?

Que tiramos nós de Mariana? Seu cuidado?

Eu meu cuidado? Vocês vosso cuidado?

Nossa chama?

Se dela tomei partido é porque a invento, não porque a disfarço. É porque a defendo? Me defendo? Me evito, amo, a suicido, a mato, a masturbo.

Quero-vos falar daquele homem que me disse durante uma longa tarde: «possuir-te só posso se vestida; de freira tu, se possível – acrescentou baixo desviando os olhos –, o hábito levantaria a enrolar-to nas pernas que me apareceriam virgens, despidas de pudor até às ancas, ao ventre desprotegido onde passaria demoradamente a língua. Possuir-te só posso se vestida; assim vestida – disse ainda e cada vez mais baixo – é assim que te quero violentar, mulher sem defesa e objecto. Deixa-me ao menos que te tenha numa igreja!»

Eis este: outro exercício da paixão, Mariana então minha irmã em pretendido objecto, ambas nos afirmando, embora por medidas diferentes: eu afirmando-me recusando, ela afirmando-se aceitando. A submissão da mulher, pois; o domínio sobre ela como paixão-desejo, nunca porém desligada da posse, da violentação, esta mesmo se apenas simulada.

– Frágeis no entanto são os homens em suas nostalgias, medos, rogos, prepotências, fingidas docilidades. Frágeis são os homens deste país de nostalgias idênticas e medos e desânimos. Fragilidade em tentativas várias de disfarce: o desafiar touros em praças públicas, por exemplo, os carros de corridas e lutas corpo-a-corpo. Ó meu Portugal de machos a enganar impotência, cobridores, ganhões, tão maus amantes, tão apressados na cama, só atentos a mostrar picha.

Mais duras, mais cruéis, mais rigorosas. – De lésbicas por isso nos chamarão: tendo nós de mulher deles apenas o corpo, não a vontade, o desgosto. Que de homens precisamos mas não destes.

(meu amor, amor, meu desejo, minha mesa e sede ao longo destes anos. Meu tido precipício, meu violento, violento sido; corpo despido onde me deserto; minhas estreitas, estreitas ancas no seu vício.)

Meu calcanhar de Aquiles?

5/4/71

Terceira Carta IV

Chegou o momento em que nossa semente gerou, nossa espiral de entrepalavras se alargou, e de cada uma de nós se vem tornando menos o que fica fora, tudo sendo trazido e revisto em nossa assembleia de três; e eu venho trazer-vos o que venho escrevendo em outros sítios, talvez tudo de mim, se for capaz, e será melhor que o não seja porque muito campo é de revolver e revolucionar não pela palavra escrita; talvez quase tudo de mim em minha circunstância de agora, e se me repetir aqui do que escrevo em outro lado será só efeito de pequenez de palavra e da fixidez da escrita, porque quando digo «venho trazer-vos» estou sobretudo atenta ao que de minha força fica transformado no meu exercício quando é por vós, no nosso exercício. Mas este tema é tema de final, e assim o deixo agora.

Inevitavelmente, passámos de amor à história e à política, e aos mitos que calçam circunstâncias históricas e políticas, e tu perguntaste «é pacto com o demónio que sugeres?» E não foi por acaso, essa pergunta – de fora nos julgamos, mas são nossos temores mais fundos o que nos liga ao que rejeitamos – como não é acaso ser o demónio homem preto, ou vermelho, ou tomar forma feminina, no dicionário dos bruxedos; demónio é o anjo caído por ter ameaçado a ordem superiormente estabelecida. Passamos assim aos mitos de circunstâncias históricas e políticas, porque não nos é possível ainda, falar em amor; porque na relação a dois, homem e mulher julgando-se sós e nos seus sexos, se vem imiscuir o que a sociedade fez e exige

Primeira Carta VI

Chegadas estamos a metade de nós próprias.

Sagacidade? Insegurança? Ambiguidade posta?

Nosso mútuo consentimento de entrega: logo nossa recusa, nossa frieza súbita de relações com os outros, nosso distanciamento, nosso orgulho.

Comuna de mulheres ou sufragistas já nos dizem, com riso gelado pela insegurança de nos verem juntas: barreira intransponível, grupo de nós três todavia não levantado *contra*, mas *por*, de entrega jamais vestidas, todavia de entrega uma de nós já se consentindo, dados os cabelos ao afago de dedos que antes recusara e a casa, sua, de florais por pôr nas paredes e nos móveis que enumerara, antevendo-lhe os sítios; a casa deixando que pareça habitada, tomada por quem, ou a quem ontem se negou; sua casa de morar sozinha, sitiada... Mariana a quem não desculpamos *sida* mas afinal nós acrescentadas nela, na sua mesma medida, nestes consentimentos, nestas baixezas, neste «deixar que corra», bem mais fácil, a tarde a deslizar lá fora pela chuva e tu estendida na alcatifa como estranho bicho dorido; animal que caça mas doméstico, aos pés de quem lhe afaga os ombros sob a lã macia da camisola certamente entranhada de fumo: o fumo que se espalha pela sala despida, num odor acerado a ferrar-se-nos na pele, fumo de um fogo que teimosamente se recusa a crescer na lareira, assim como no teu riso, na tua palavra a tentar reencontrar qualquer caminho pelo corpo, ao

pedires (ordenares) a homem (então ali), em arremedo de cama, como se o tivesses sob ti e a ele (a ti), te pudesses entregar (possuíres) caso não estivéssemos contigo. – Te acuso disso. – Mariana que em tanto ócio, de tanto corpo te puseste, recolheste fala; te adornaste de tudo como se de fatos fora e fáceis de envergar, enfiar pela cabeça, a tolherem-te afinal os passos. – O paço, o mundo, teu sustento, tua memória, teu rosto.

Rasto:

A rosa tu – de maina adolescente – que compraste em papel de tantas cores como és por dentro – mulher que vejo presa a mito de macho e pálida te tornares por isso, em ferida dada, tornada, esfacelados os olhos no seu tom, brilho, e me enraiveço que não sejas tão forte – mais forte – como eu (não) sou, quisera ser, nunca a homem atreita enquanto homem-macho somente dono, aguardando nós dele brandura, tolerância, condescendência: bandeira deles em fornicção nocturna retomada (para isso lhes servimos) bem a coberto de lençóis, cobertores, a camisa de noite levantada às virilhas assim expostas e o ar composto de quem cumpre um dever vindo, herdado de nossas mães e avós, o prazer (não muito, claro) fingido, imitado bem, a fim de se lhes dar a constante certeza da sua vigorosa virilidade, aura: bons na cama e no trabalho, excelentes pais de família e patrões de mulher, com ordenado certo ao fim do mês a fim de se poder comer e ter carro.

Nossa liberdade: tu que trabalhas, vives só e ainda te deixas agarrar, te manténs na história, manejada... Mariana desamada, desamiga, deserddada.

Que danos nos fizeram que aqui não se digam, não se apontem, não se contem. Que castigo, que lenda, que hábito, que medo-irmãs?

«Danos meus tão encobertos,
aqui podereis sem medo
ser agora descobertos;
Se ficou algum segredo
al de menos nos desertos»

A que entrave nos pomos, desguarnecemos, teimamos em esconder por vê-los sempre de segredo. – Que agora são outros tempos, embora de mesmas eras, e liberdades ostentamos apesar de presas nos sabermos? Nos deixamos ser? Apesar de até nos afirmarmos livres para nos perdermos, mas afinal sempre em função do amor, da paixão, de enganadas nos sabermos, utilizadas e a fim de deturpamos toda esta engrenagem imposta há tantos longos anos?

Séculos.

«Je suis nue, ou à peu près; et je sais que dans la position que j'ai choisi, un automobiliste débouchant du virage que est tout près de là est obligé de plonger immédiatement son regard entre mes jambes jusqu'au plus profond de mon intimité».¹

Intimidades que usamos a dominarmos os costumes, a fazermos recair sobre nós as iras, o desejo, mas a trocarmos com a intimidade outros favores, que «Les hommes, lorsqu'ils ont envie d'une femme, sont toujours dociles»...²

E pela docilidade, maneira menor, conseguem-nos eles atingir, manejar até, enganar; reconhecemos-lhes o jogo mas nele entramos por inépcia, hábito, também por astúcia. Astúcia, como única maneira que até há bem pouco tempo nos era de única valia, defesa.

E às vezes um pouco como desterradas nos sentimos; se sente a mulher quando não cumpre a figura imposta pelos tempos, não a interpreta e assim tenha de procurar caminhos, outros «países» onde viva em diferença do seu, país dado pelo útero da mãe.

A que mãe fugimos? Que mãe nos fugiu? A quem podemos, acabamos sempre por dizer, assim como, aliás, a todo o factor proporcionante de paixão-amor:

«(...) já me vós fostes a vida,
agora me sois o dano;»

¹ Moravia.

² *Idem*.

paixão-dano; amor-entrega: dano de nós mesmas, nosso receio, nosso medo, nosso anseio? Mariana—Maria-Maina e minha mulher silenciosa, intensamente silenciosa, eu própria mesmo quando não só eu. Tão ostensivamente, orgulhosamente afirmamos a posse de outrem, que mesmo os homens crêem e se deixam guiar embora a contragosto. – Para nós os trazermos nesta espécie de crime, de violação das leis: mas não só hoje, recordamos Mariana então violando leis, embora nascesse em tempos de dissolução e Espanha de Filipos, Portugal castrado da sua virilidade: independência e rei de casta, nosso sangue, que escalar conventos era aventura de pouca monta, quando não reconhecido, visto, vingado por família.

Hoje nos eis de outros crimes postas. Crimes também de paixão-honra vingados por nossos maridos, pela lei, se provado for que pecamos em adultério. Nossa vida, pois, em mãos deles dadas e presas sempre a incorrerem em faltas que se julguem de morte permitidas.

Qual a diferença do tempo de Mariana?:

«Teve o crime passionnal, tipicamente meridional e muito espanhol, o seu apogeu e glorificação literária naqueles reinados que estudamos agora. O matar a mulher amada por infidelidade efectiva ou suposta, rara vez genuína, era vingança e quase sempre monstruosa manifestação de desejo. Muitas vezes o pretexto para matar seria notoriamente inventado e o crime tinha algo de bárbaro, êxtase supremo. A morte de mulheres pelos seus amantes acontecia então, com efeito, todos os dias...»¹

10/4/71

¹ Marañon

minhas queridas
diferentes. pazes. vos declaro tão porreiras de companhia
como rapazes.

estou um perfeito balde de afeição
sanita hoje de toda a aflição

minhas queridas
a morte da diferença, o chão da revolução, é o bom riso à flor
da mão

minhas queridas
cada uma de vós tem os seus quês: às vezes pica, outras vezes
dorme

minhas queridas
meus contrastes, onde eu deponho os meus trastes e hoje
esta gritaria

minhas queridas
moendo caracóis e fitas e celas e solturas meninas brando-
-duras

minhas queridas
irmãs e deveras bonitas, quer quando graves, fulas, talentosas
ou parvitas

louvado seja quem, ainda que distrato ou de mau grado,
vos deu o sémen e vos trouxe aos peitos.

22/4/71

O PAI

Era perversa:
dormia toda nua, os peitos soltos e brandos muito brancos e expos-
tos tal como os seus mamilos largos, róseos, distendidos.

Durante o dia andava em casa com as blusas desabotoadas e sen-
tava-se de qualquer maneira com os fatos a subirem-lhe sempre a
meio das coxas, deixando antever entre as pernas uma escuridão
macia, amolentada na sua meia penumbra.

Era perversa:
deitava-se nos sofás, ao comprido, os braços atirados para trás e
ficava assim, toda lisa, ao seu alcance, sem mal, a passar a língua
aguda pelos lábios já húmidos.

Era perversa:
de um louro fundo, a pele penugenta, os olhos de um azul duro, sem-
pre adormentados.

Era perversa:
rodeava-lhe com os braços o pescoço, os seios a esmagarem-se-lhe de
encontro ao peito e o hálito morno, sedoso, a roçar-lhe a boca, a ras-
tejar-lhe perto, como que entorpecido de saliva.

Era perversa:
Deixava a porta entreaberta, esquecida, enquanto se despia deva-
gar, a descobrir o ventre brando, os ombros magros, devagar em bre-
ves movimentos, em secretos sons e pactos com a infância.

Era perversa:
trazia os cabelos em desalinho e mornos de sono quando o beijava de
manhã, a dar-lhe os bons dias, com uma distração do hábito tomada.

Era perversa:
dormia toda nua, os peitos soltos e brandos muito brancos e expos-
tos tal como os seus mamilos largos, róseos, distendidos.

Quando entrou no quarto o homem hesitou, a olhá-la, a fixá-la no seu sono, mas logo avança, silencioso, e de manso pára junto à cama a hesitar novamente. Depois estende uma das mãos, desliza-a na curva suave do peito, na anca quente, doce, os dedos crispados a entranharem-se já nos pêlos sedosos do púbis.

Curva-se quando ela acorda e tapa-lhe a boca com força, brutal, mantendo-a deitada, firmemente, debaixo do seu corpo agora ao comprido sobre o dela.

Era perversa:
tinha um riso liberto, sedento, e uma maneira envolvente de olhar os outros; um odor enlouquecido a entreabrir-se aos poucos, como um fruto, obsessivo: obsessivamente, obsessivamente.

Indiferente, Mariana sente que ele sai de dentro de si, sujando-a de esperma também por fora. Depois vê-o que se levanta da cama, se veste à pressa e se vai embora sem a olhar, todo o tempo mudo, mesmo enquanto a forçara, mudo mesmo quando a tivera, rendida, afundada naquele torpor, de onde não quer sair nunca mais, cada hora mais fundamente perdida.

«- Tens de deixar esta casa - disse-lhe ele numa voz neutra, monocórdica - não podemos continuar a viver todos juntos na mesma casa depois do que se passou. Foste a culpada de tudo, bem sabes que foste a culpada de tudo, eu sou homem; sou homem e tu és provocante, perversa. És perversa. Uma mulher sem vergonha, sem pudor. Não te quero ver mais, enjoas-me, repugnas-me, envergonhas-me. Tu percebias, sei que percebias, que sabias como me punhas. Eu sou homem minha puta.»

- Claro que sou uma puta, podes estar tranquilo, pai, sou uma puta.

«- Grande cabra - chamou-lhe a mãe quando ela se dirigia para a porta da rua, agarrada às paredes para não cair.

- Grande cabra.»

Três meninas outras três

(Inês a faca)

Inês menina verde podre
toda a dada beleza ou a memória podem
que a honra ou o costume mais?

E de esmagar Constança
o colo logo ali tão dado à luz e alto
que bem real procuras só de estar mais queda?

Carne de irmã manceba preferida
cordeira sem astúcia morna saia
quase gorda de dedos mão beijada
mãe bastarda trança de mirra e mel
sorriso mole peso do instante
pão na corte manso corte

pretexto só de um rei a outro rei
a mesma morte.

a pegar em armas ridículas e a deixar-se massacrar «pela raça», e a rainha, ah a rainha, era preciso que visses, mas tem-la dentro, todos nós a temos dentro e é isso que torna a interpretação daquela tipa perfeita, perfeita, entendes, a alminha penada estrangeira e esfarrapada, a memória frágil da grandeza de antes inscrita num corpito só para estar exposto e aguentar até ao fim o fim, a gaja assim como eu, pequena e lingrinhas, tipo fino, a dizer com um grande sossego «tenho fome».

António, eu quero ir-me embora e quero tanto que voltes. Que mal fizemos para nos criarem para reizinhos de tronos à venda, que mal fizemos para termos assim ainda as Áfricas entre nós e nós? Je t'aime, je t'aime, como é que se pode dizer em português tal coisa, je t'aime

Mariana

29/5/71

Texto sobre a solidão

«- És bela» - disse o homem descendo-lhe as mãos pelo corpo despido e exposto na cama, uma das pernas recuada, a outra estendida ao longo dos lençóis.

«- És bela» - tornou o homem a contornar-lhe os seios com os dedos, reparando nos lábios crispados debaixo dos seus e o nojo profundo e ácido reflectido nos olhos dela.

«- Gosto dos teus cabelos, do teu ventre côncavo, das tuas ancas magras, dos teus braços, das tuas coxas, do teu cheiro, da tua língua. Gosto que tenhas nojo mas que venhas comigo para a cama.»

Debruçou-se então, a percorrê-la com a boca como se a tentasse respirar, deixando-lhe na pele a cicatriz molhada da saliva; voraz, o corpo amolecido tentando ganhar forma, dureza, no da mulher que se debatia, todavia imóvel, hirta. Que se debatia.

Mónica pensou: «eu enlouqueço».

Mónica pensou: «eu enlouqueço».

O homem queria o terreno macio da sua carne e com os beijos espessos devorava-lhe a frescura, bebia-lhe a fragilidade estática do

pescoço e do gesto breve, a fim de o deter. Num movimento brusco prendeu-lhe os pulsos estreitos sobre os lençóis.

Petrificada, Mónica sentiu que ele começava a entrar nela, devagar primeiro, o sexo ainda mole, indeciso na sua meia impotência, depois mais grosso e quente, impaciente, inábil. Um pénis pequeno, atrofiado, dentro da sua vagina funda, macia, de fêmea larga pelo amor e lutas e profundos espasmos.

Ele via-lhe os olhos fixos, duros, ácidos como pedras transparentes, de um azul translúcido, raro, de água ou de mar, mas principalmente: ásperos, inflexíveis.

Mónica via os olhos do homem, congestionados, pequenos, de um castanho raiado de amarelo sujo, perdidos nos seus.

Mónica ouvia os gemidos do homem cada vez que ia e vinha dentro de si.

Sentia o suor peganhento do homem e a flacidez da barriga que espasmodicamente se espalmava nas suas ancas e no seu ventre.

Então o nojo soltou-se, como uma mola; trepou avassalador, escaldante: uma altíssima vaga a coser-se-lhe na garganta, concentrando-se aí num vômito que engoliu, entontecida, nauseada.

O homem esforçava-se por acabar, exausto, o sexo perdido dentro daquela vagina seca, hostil, inóspita. Esforçava-se, naquela carne esponjosa, raivosamente, as mãos espalmadas na cama. Depressa, depressa, num movimento pendular ia e vinha, rápido, a apressar o orgasmo preso nos testículos vazios, sem esperma.

Mónica pensou: «eu enlouqueço».

Mónica pensou: «eu enlouqueço».

Desde o princípio a pensar no marido e no amor e no desejo dele e na paixão por ele que não se calava e não se calava nunca, num enorme grito.

Mónica gritou:

devagar, intermitentemente. Um monstruoso grito como uma monstruosa e lancinante dor.

Perdido naquele grito, o homem excitou-se, fincou-se na mulher, obrigou-a a virar-se de costas e de joelhos firmes, os dedos cravados nos seios pendentes, forçou-lhe o ânus onde entrou rasgando-a, em gozo, vindo-se logo, enchendo-a com o seu leite agüado e morno. E aí se excitou e se veio de novo a vingar-se dela; lambuzando-lhe com o sexo, em seguida, a boca cerrada a dar-lhe a conhecer o gosto da sua vitória.

Mónica esperou que ele adormecesse. Escutou-lhe o respirar, atenta, depois, lentamente, cuidando cada movimento, agarrou uma almofada, tapou-lhe a cara e com toda a sua força desesperada apoiou-se nela defendendo-se dos convulsivos braços do homem; deitando-se-lhe sobre o corpo, as suas pernas detiveram as pernas que a tentavam derrubar e assim estiveram unidos até deixar de o sentir mover e mesmo depois, desse modo, horas estirada no corpo já frio, a dormir, descansando a cabeça na almofada em cima da cara dele.

29/5/71

Extractos do diário de Ana Maria, descendente directa da sobrinha de D. Maria Ana, e nascida em 1940

Antepassada Maria Ana, a filósofa, em que ficamos: se a mulher nada tem, se existe só através do homem, se mesmo seu prazer por aí é pouco e viciado, o que arrisca ou que perde em revoltar-se? A revolução é um jogo arriscado, e o burguês jogando na revolução francesa arriscava tudo, embora fossem limitados os objectivos do seu ataque; mas o que arrisca ou que perde a mulher, se nada lhe é gratificante? De que te queixavas? Bem sei que o problema não se põe assim; estou de má-fé, e não é menor a importância disto.

Bem sei que a revolta da mulher é a que leva à convulsão em todos os extractos sociais; nada fica de pé, nem relações de classe, nem de grupo, nem individuais, toda a repressão terá de ser desenraizada, e a primeira repressão, aquela em que veio assentar toda a história do género humano, criando o modelo e os mitos das outras repressões, é a do homem contra a mulher. Nenhum equilíbrio anterior nos será possível, portanto, a partir daí, nem sequer o de manipularmos nossos filhos. Tudo terá de ser novo, e todos temos medo. E o problema da mulher, no meio disto, não é o de perder ou ganhar, é o da sua identidade. Que nesta sociedade, muitas coisas lhe são gratificantes, sem dúvida; mas que a mulher (e o homem) não tem consciência de como é manipulada e condicionada, ainda oferece menor dúvida. A repressão perfeita é a que não é sentida por quem a sofre, a que é assumida, ao longo duma sábia educação, por tal forma que os mecanismos da repressão passam a estar no próprio indivíduo,

e que este retira daí as suas próprias satisfações. E se acaso a mulher percebe a sua servidão, e a rejeita, como, a quem, identificar-se? Onde reaprender a ser, onde reinventar o modelo, o papel, a imagem, o gesto e a palavra quotidianos, a aceitação e o amor dos outros, e os sinais de aceitação e amor? Bem sei, antepassada Maria Ana, de que te queixavas, do que eras incapaz: de inventares sozinha a mãe, a heroína, a ideologia, o mito, a matriz, que te pusesse espessura e significado perante os outros, que até aos outros abrisse caminho, se não de comunicação, pelo menos de inquietação.

E que inventaste, nessa tentativa de redesenhares tua presença, na tua hora e no teu local? Recusaste marido, recusaste homem, e o que este gesto nos significa é seres tu solteirona, frustrada e maníaca como todas as mulheres sem homem, escrevendo textos pretensiosos, da mesma forma que, se vivesses hoje, terias um caniche ou entrarias na beneficência organizada. E com esta cor também eu te tomo, pelo menos em parte, ou em profundidade, apesar de te entender, apesar de reconhecer que assim te temo também. Onde reinventar o gesto e a palavra? Tudo está invadido pelos significados antigos, e nós próprios, e nós mulheres que pretendemos revolucionar, até aos ossos, até à medula. Olhando para ti, Maria Ana, vejo, sem querer e como todos, facetas várias e que mutuamente se tingem, embora, ou talvez porque, algumas sejam antagónicas: a mulher que se recusou ao confronto com outro, que recebeu a dor e a experiência comuns, mulher rejeitada, ninguém te quis, talvez pela tua recusa, ou não, de qualquer maneira mulher rejeitada é figura socialmente escarnecida e detestada, e nesse escárnio está a sanção a que procuramos escapar oferecendo-nos, sem alternativa, visto que esse escárnio é medida ampla que nos leva a sapor o carácter inicial ou voluntário da recusa da mulher que fica só, logo tingimos qualquer recusa de suspeita de feitio azedo, de puritanismo ou frigidez, e muito nos apoiamos nas consequências dessa recusa – solidão, aridez, frustração – para com elas reteceremos o início do ciclo, a culpa da mulher que fica só, e se não tens homem logo és puritana ou frígida e logo ficaste frustrada – e porque te suponho virgem? – e homem que rejeita mulher tem uma certa aura de supe-

rioridade imbecil mas desdenhosa, aceitamos que rejeita o conhecido, o exercício do seu sexo sobre outro, seu sexo sempre conhecido – e ninguém o suporá virgem ainda que o seja – sempre visível e acabado, mas a mulher que rejeita homem parece-nos sempre inferior e ignorante, furtando-se ao conhecimento de seu sexo, que lhe seria desvendado, moldado e ensinado pelo homem, fugindo ao poder do macho como um adversário previamente vencido, esquivando-se à derrota inevitável que, no fundo, todos consideramos natural. Antepassada Maria Ana, assim te vemos, assim te sou eu hostil apesar de irmã, nesta época que muitos dizem de igualdade, e onde o trabalho da mulher já vale dinheiro (pouco) e a palavra da mulher já é ouvida (e mal entendida). Chegará o dia, Maria Ana?

*

* *

13 de Abril de 1971, dia não escolhido deliberadamente – leitura de jornal diário, vespertino e «progressista», leitura recolhida e instrutiva:

O jogo da moda – qual vai ser o comprimento das saias no próximo Verão? Vão limitar-se a tapar os joelhos; entram no jogo – e nas apostas – os compradores do mundo inteiro; o que está em causa é a indústria que corresponde a uma das necessidades fundamentais da humanidade – alimento, vestuário e habitação; a indústria têxtil e de vestuário rende anualmente à Itália mil milhões de dólares; o medo de comprar; um problema que veio complicar o quadro da moda estival é o dos «hot pants»; se não se fizer uma surtida audaciosa no campo da moda esses minúsculos inimigos poderão aproveitar o ensejo para se afirmar.

Uma «novidade» da série especial «cinema-verdade» – uma história que sucedeu ontem, sucede hoje, e sucederá amanhã, enquanto existir o «mercado» de compra e venda de horas felizes; o «ofício» dela era amar sem nunca se prender a um homem; mas houve um para quem ela foi diferente...

A crítica da televisão – (era a história da pianista); mas basta de pôr «pianista» onde poderia pôr «médico», ou «jornalista», ou «actor», ou «industrial», ou «operário»; alienado, transformado em objecto consumível; Catarina entrevê a possibilidade de refazer a sua vida, de se negar a ser tão cruamente objecto, abandonará os concertos, fará apenas gravações, e voltará pelo Natal para o seu jornalista-catalizador; não voltará porque o avião explodiu; a conversa (sobre a história da pianista) remeteu num doloroso ouvir de banalidades (disse o Ramos se uma *mulher destemida* podia aspirar ao amor, disse a Horta que só se lhe chamava história de amor por ser a história *duma* pianista e não a história *dum* pianista, mas o crítico tinha dito que não, que onde estava «pianista (a)», podia estar «médico» ou «operário», que o problema é o da sociedade mercantilista), a conversa remeteu assim num «doloroso ouvir de banalidades de senhoras a comer o seu bolinho e a beber o seu chazinho» (basta de pôr «senhoras» onde poderia estar «médicos», «jornalistas», «industriais», «operários»); tem razão, D. Maria, isto é uma deseducação, isto é uma coisa, imaginem, vai mais um bolinho?

Modelo é quase sinónimo de candidata a estrela de cinema. E é precisamente o caso da jovem (retrato acima, em biquíni) que conseguiu um papel; contudo, desempenhará um papel mudo; não precisa de articular palavras; mas tornar-se-á actriz.

Miss Moçambique chegou a Lisboa vestindo «capulana» (retrato da dita com um grande grupo de sorridentes encapulanadas espalhadas por uma escadaria).

Ministério das Finanças, Direcção-Geral da Contabilidade Pública – Admissão de Pessoal... «está aberto concurso para terceiros-oficiais, desta Direcção-Geral, entre *indivíduos do sexo masculino*...».

Cozinha automática, invenção dum homem atormentado – tinha a mulher no hospital, e ali estava ele, com quatro filhos para cuidar. Markus Beck (engenheiro mecânico) bem se esforçava por dar conta do recado, mas a montanha de pratos sujos ia crescendo, cada vez mais, na sua cozinha; afundado em tormentos e trabalhos (e porque porão «engenheiro mecânico com mulher no hospital» onde podia estar «mulher empregada?») inventou a cozinha mecânica.

Resumo:

Jogo da moda tapar ou não tapar a indústria
eis a questão dos joelhos e das necessidades fundamentais
alimento habitação vestuário de
a humanidade rende anualmente milhões de dólares
entram no jogo os compradores do mundo
inteiro temem os figurinistas o minúsculo inimigo «hot»
pantonificada a compra da moda com saias compridas
novidade da série verdade especial
sucede hoje amanhã
enquanto existir cinema mercado compra
e venda de horas felizes o ofício dela um homem
e o piano e o mercado e o jornalista enquanto
um para quem ela foi diferente e o amor
basta ao crítico de pôr pianista onde não estava jornalista
médico operário e pôr D. Maria
onde estava pianista e onde a revolta
pôr uma coisa imaginem pôr bolinho
crítico é uma deseducação
modelo quase sinónimo de papel
nem precisará de articular palavra tornar-se-á
misse capulana na contabilidade pública
terceiros-oficiais do sexo
masculino o qual será apenas acompanhado do certificado
de habilitações engenheiro atormentado inventou
quatro filhos e a cozinha
automática a mulher no hospital.

*

* *

Monta-se uma indústria de electrónica. Recrutam-se mulheres,
com os dedos afinados por trabalhos miúdos de costura, renda,
e outras artes domésticas ou regionais, com os dedos óptimos para

o trabalho miúdo da montagem na electrónica. Paga-se-lhes uma
miséria, pois com certeza, são mão-de-obra inqualificada, não têm
formação profissional específica para a sua actual função de operá-
rias; é simples explorá-las, elas não sabem que a indústria vai apro-
veitar de graça uma transferência do seu custo trabalho de dedos,
elas não sabem sequer que treinaram seus dedos, é já uma sorte nos
seus destinos que alguém lhes aproveite seus dotes minuciosos de
mulher, seres sem força, até aí de pouco préstimo que o parir não
conta. A indústria abre-se ao trabalho feminino; é bonito, é pro-
gressivo. A trabalho igual, salário igual; mas o trabalho não é igual,
vejamos, como comparar, os homens fazem outras coisas e só as
mulheres são aproveitadas para este penoso trabalho na indústria
da electrónica. Novinhas, solteiras de preferência, para não haver os
tais problemas familiares. Depois é simples, porque quando chegam
à idade de casar e dos filhos ou de qualquer forma passados aí uns
cinco anos, vão-se embora; reduzidos os problemas de absentismos,
promoções, pedidos de aumento. Rotação do pessoal nem é pro-
blema, pelo contrário, entra a mão-de-obra já formada, e sai quando
já está inútil, quer dizer, extenuada, com os olhos gastos e o sistema
nervoso estoirado.

*

* *

Entretanto, na construção das estradas, varrendo as ruas da
cidade, aparecem mulheres – e negros. Até aqui estes trabalhos eram
impróprios de mulheres. Agora, que os homens – brancos – já não os
querem, porque são penosos e mal pagos, passam a ser trabalho de
mulher.

Um exemplo apenas, nem sequer generalizável? Pelo contrário,
isto resume a história da dita promoção feminina pelo acesso ao tra-
balho. O exemplo dos escriturários do sexo masculino; o regula-
mento dos concursos para o preenchimento de vagas em quase
todos os organismos do Estado, em que se dá preferência aos
homens, excepto para os lugares que estes já não querem; os vários

anúncios no jornal «empregadas precisa empresa...». Quando se lê ou se ouve: «a mulher hoje em dia já trabalha nos mais variados sectores de actividade, ao lado do homem...», traduzindo para a situação real, isto quer dizer: a mulher hoje em dia vai sendo utilizada nos sectores de actividade, nas profissões, nas funções que os homens já rejeitam por más condições de trabalho e de remuneração.

*

* *

Em que mudou a situação da mulher? Agora, LIVRE DOS PROBLEMAS DA LAVAGEM COM A MÁQUINA DE LAVAR. E organizam-se concursos de beleza feminina, com as belezas em fato de banho – e o já quase biquíni – virando-se de frente, de rabo, de lado e do outro lado. Entre os críticos de televisão, alguns tão progressistas, nem um protesto. Não é isso que interessa, sabem, nem há nenhum problema da mulher, o problema é outro, e só esse, vejamos. A grande maioria dos burgueses, nos dias de hoje já não é proprietária, nem detém poderes sensíveis; a grande maioria vive do seu trabalho intelectual, da sua profissão livre ou não livre, diluída numa sociedade massificada; quem tem medo do ataque à propriedade privada dos meios de produção, do ataque aos grupos de poder ou de pressão? Os poucos atingidos. No entanto, mulher todos «têm»; POR ISSO, não há problema da mulher, olha que disparate, não é isso que está em causa. Dos críticos de televisão, quanto à mostra de fêmeas humanas, nem um protesto. É mesmo um progresso, diz um: a beleza deixou de ser pecado, e a fealdade virtude, presta-se homenagem pública à beleza feminina. A mulher compra máquinas de lavar e pode ir ao concurso de beleza mostrar o rabo e as pernas. Em que mudou a situação da mulher? De objecto produtor, de filhos e de trabalho dito doméstico, isto é, não remunerado, passou também a objecto consumidor e de consumo; era dantes como uma propriedade rural, para ser fecunda, e agora está comercializada, para ser distribuída.

*

* *

E o erotismo, senhores, e o erotismo? Em quase todos os livros chamados eróticos que por hoje abundam, *il n'y a pas de femmes libres, il y a des femmes livrées aux hommes*. É essa a libertação que os homens nos oferecem, de repouso do guerreiro passamos a despojo de guerra. E morreu, por fazer um aborto com um pé de salsa, morreu de septicemia, a mulher-a-dias que limpava o escritório onde trabalho, e soube depois, pela sua colega, que era o seu vigésimo terceiro aborto. E contou-me, há anos, uma amiga minha, médica, que no banco do hospital eram tratadas com desprezo as mulheres que entravam com os seus úteros furados, rotos, escangalhados por tentativas de abortos caseiros, com agulhas de tricot, paus, talos de couves, tudo o que de penetrante e contundente estivesse à mão, e que lhes eram feitas raspagens do útero a frio, sem anestesia, e com gosto sádico, «para elas aprenderem». Aprenderem o quê, com um raio?! Aprenderem que sobre elas cai, mascarada de fatalidade do destino, a contradição que a sociedade criou entre a fecundidade-exigida-do ventre da mulher e o lugar-negado-para as crianças? Depois que foram bifurcados, irremediavelmente, o destino do homem e da mulher – mas quando, mas quando? – sobre a mulher veio cair, além de todas as angústias vivenciais e de todas as repressões sociais que são comuns ao homem e à mulher, sobre a mulher veio cair a angústia do seu destino biológico, feito drama seu e não mais experiência dramática da espécie, e veio cair a repressão de que esse seu destino biológico feito drama individual é instrumento. E passam os pares de namorados e sabemos-los irremediavelmente distantes, não há amor a dois que lhes valha, no amor a mulher está no extremo do angustiante, repressivo e solitário destino que a sociedade lhe inventou. O que puderam Romeu e Julieta?

Digo:

Chega.

É tempo de se gritar: chega. E formarmos um bloco com os nossos corpos.

Joana

7/7/71

Adultério:

infidelidade conjugal

(Dicionário da Língua Portuguesa)

Que estreita faixa nos separa da Mariana, irmãs... pois honra de homem-marido se situa ainda em seu pénis e nossa vagina à qual eles têm direito de dono e sobre mulher direitos de morte a fim de vingar macho-enganado por adultério que, se possível, se lapida, se assassina, se elimina em plena justiça, com a concordância, a aprovação de toda uma sociedade conivente:

Código Penal Português

Artigo 372.º

(o adultério e a corrupção de menores como provocação)

«O homem casado que achar sua mulher em adultério, cuja acusação lhe não seja vedada nos termos do artigo 404.º, § 2.º, e nesse acto matar ou a ela ou ao adúltero, ou a ambos, ou lhes fizer alguma das ofensas corporais declarada nos artigos 360.º, n.ºs 3.º a 5.º, 361.º e 366.º, será desterrado para fora da comarca por seis meses.

§ 1.º Se as ofensas forem menos, não sofrerá pena alguma.»

Que à mulher só é dada a vingança por direito e justiça, apenas se enganada for, formos, em nossa própria casa, por concubina «teúda e manteúda» nela... em nome da defesa de uma moral estabelecida,

pois, e não por nosso nome ou raiva ou ciúme, ou honra, somente consentida ao homem:

«§ 2.º As mesmas disposições se aplicarão à mulher casada, que no acto declarado neste artigo matar a concubina teúda e manteúda pelo marido na casa conjugal, ou ao marido ou a ambos, ou lhe fizer as referidas ofensas corporais.»

Que usadas sempre seremos como objectos, em solteiras entregues enquanto menores ao livre-arbítrio de nossos pais e depois de casadas, a nossos maridos, que inventar podem causas para nossas mortes e provas a fim de se livrarem de prisão, castigo.

Estará a honra situada sempre em nossas vaginas, corpo, e não no pénis, corpo, de nossos irmãos, que tudo podem fazer sem a morte merecerem perante a justiça?:

«§ 3.º Aplicar-se-ão também as mesmas disposições, em iguais circunstâncias, aos pais a respeito de suas filhas menores de vinte e um anos e dos corruptores delas, enquanto estas viverem debaixo do pátrio poder, salvo se os pais tiverem eles mesmo excitado, favorecido ou facilitado a corrupção»...

(Transcrição do Código Penal Português)

10/7/71

Dois poemas encontrados entre os papéis de Joana – escritos com sua letra

I
A que precipício
dor
ou a que cume ascendo
A que melhorada
dor
ou a que prazer mais denso
se penso que me sou
e logo já não penso
ou sinto que me dou
estando a negar o tempo

10/7/71